Saudação ao Cônego Sadoc, o Educador que desbravava também a história

J.C.Alencar Araripe

Engalana-se o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) para recepcionar, como sócio efetivo, o Cônego Dr. Francisco Sadoc de Araújo, ornamento do clero pelas suas virtudes e pela constância do seu labor apostólico e uma das mais altas e luminosas expressões da cultura cearense.

Seja-me permitido, antes de debruçar-me sobre a figura e a obra do recipiendário, cumprir um ritual de saudade para reverenciar a memória do amigo e companheiro insigne Itamar de Santiago Espíndola, cujo falecimento abriu a vaga ora preenchida. O meu gesto é tão mais compreensivo quando atento para a circunstância de haver sido em sua prazerosa companhia que ingressei no Instituto, a 26 de abril de 1977, cabendo-me a honra da oração de agradecimento e formulação de propósitos, bem assim o elogio aos nossos antecessores, Antônio Gomes de Freitas, o de Itamar, e Osvaldo Araújo, o meu, duas boníssimas pessoas, com incursões significativas no mundo da historiografia.

No lamento do poeta, a existência é mesmo rápida e falaz.

Entre os doze fundadores do Instituto do Ceará, em 1887, um era sacerdote católico, Padre Dr. João Augusto da Frota, e oriundo também das ribeiras do Acaraú, como o Cônego Francisco Sadoc de Araújo, que hoje, entre hosanas, acolhemos na Casa do Barão. Do Padre Frota, natural de Santana do Acaraú, sabemos que se ordenou no Colégio Pio Latino-Americano de Roma e conquistou o doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma; catedrático no Liceu do Ceará, lecionou ali matemática; foi Diretor da Instrução Pública do Estado; em Recife, dirigiu o Ginásio Pernambucano; orador de palavra fácil e vibrante, destacou-se na campanha abolicionista; José do Patrocínio disse que ele se assemelhava ao Padre Antônio Vieira; não faltou quem o comparasse a Savonarola.

O Cônego Sadoc, sobralense de nascimento, que agora integra o quadro de sócios efetivos do Instituto, cursou, de outubro de 1952 a

junho de 1956, a Pontifícia Universidade Gregoriana, onde concluiu o bacharelado e se doutorou.

O que para ele não representaram esses quatro anos? Pela sua acuidade mental e com a vocação sacerdotal definida, o ambiente da Cidade Eterna haveria de proporcionar-lhe aprimoramento espiritual e intelectual, com influência indelével pelo resto da vida.

É dessa época a sua tese de mestrado em Teologia, defendida em 1955, e que versa sobre as lições de Santo Tomás de Aquino. Decorreram 38 anos da apresentação desse trabalho enfeixado em volume em 1976, e que se intitula *Ciência criadora*. Mas é indiscutível a sua atualidade.O tomismo, objeto de críticas e contestações em determinada fase, tornou-se a base filosófica da doutrina da Igreja, e a dissertação do Cônego Sadoc ajuda o interessado no transcendental assunto a inteirar-se melhor da substância dos ensinamentos do Doutor Angélico. Ademais, neste mundo de sofisticações, de conquistas tecnológicas, de descobertas sensacionais, de desvendamento do infinito que nos cerca, nunca foi tão elevada a percentagem dos que acreditam em Deus. Essa tendência vem-se acentuando. Já em 1983, mais de 70% dos norte-americanos, segundo pesquisa de opinião, não votariam em candidato a Presidente que não acreditasse em Deus, mesmo que gostassem realmente do postulante e compartilhassem de suas idéias políticas.

A ciência espacial registra avanços descomunais, satélite penetra em passado remotíssimo e capta sinais do Big Bang, reacende-se o debate sobre o papel de Deus na criação do cosmo. Um dos mais notáveis cientistas norte-americanos, Edward Fredkin, que confessa não possuir qualquer fé religiosa, proclama: "Este universo que temos é a conseqüência de alguma coisa que eu chamaria de inteligência". Não estaria aí a ciência criadora em que é palinuro Santo Tomás de Aquino? Ou não estaria confirmada a versão bíblica, que corresponde a uma das mais antigas crenças da humanidade num Ser Supremo? Pesquisas arqueológicas compravam a verdade histórica dos textos sagrados, mesmo envoltos no misticismo que neles é marca permanente.

Desde o momento da grande explosão, o universo está em expansão. Cientistas esposam a opinião de que, quando for alcançado o ponto máximo, verificar-se-á uma retração, seguida de nova explosão. Não seria o que na Bíblia se prevê como o fim do mundo?

De Roma a Sobral

Adiante não devo ir nessas cogitações, primeiro, porque exorbitaria, depois, faltar-me-iam engenho e arte. Reencontro o Cônego Sadoc ordenado sacerdote na Basílica de São Paulo, celebrando a primeira missa na Basílica de São João de Latrão.

Depois de peregrinação de meses na Europa, ei-lo de volta a Sobral, que o absorveria, a partir de então, 1957, sobretudo nos misteres da educação, no Colégio Santana, no Colégio Estadual Dom José, no Colégio Sobralense, no Seminário Diocesano, do qual foi Reitor; Diretor e Professor Emérito da Faculdade de Filosofia Dom José, onde fundou e dirigiu o Ginásio de Aplicação. Até pela minha formação profissional, não haveria de esquecer que ocupou também a direção do Jornal "Correio da Semana", de Sobral.

Ao estruturar a Fundação Universidade Vale do Acaraú (UVA), mantenedora de quatro unidades de ensino superior, o Cônego Sadoc estabelecia o embrião de uma instituição universitária que implantaria vários outros cursos, instalaria laboratórios, montaria Imprensa Universitária e Instituto Médico-Legal; a Biblioteca, em prédio novo e moderno, logo seria dotada de computador, núcleo de microfilmagem e arquivo. A encampação da UVA pelo Governo do Estado constituiu um marco no esforço pela interiorização do ensino superior no Ceará. O Cônego Sadoc foi o dirigente lúcido e aguerrido da fase de implantação e transformação da UVA, seu primeiro Reitor, antes e depois da estadualização. Fica-lhe bem a Medalha Justiniano de Serpa, Mérito de Educação, com que o agraciou o Governo do Estado.

A predestinação do Cônego Sadoc, como impulsionador de empreendimentos educacionais, levá-lo-ia a Pernambuco, onde lançou a semente do Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Olinda e Recife. Bem sucedido, como era de esperar, dada a sua competência e comprovada experiência, o Instituto fuciona desde o ano passado, tendo-o como professor e primeiro diretor, função da qual vem de afastar-se por decisão própria, em vista do seu retorno ao Ceará.

Por designação da Arquidiocese de Olinda e Recife, a cujo serviço se encontrava, cumpriu os deveres de capelão em Fernando de Noronha, que visitava a cada mês. Sei das responsabilidades do

encargo, Mas este, igualmente, lhe proporcionou compensações, que usufruiu não só no plano espiritual como na saudável contemplação das belezas naturais da ilha. Aliás, a capelania está na sua trajetória sacerdotal, a primeira logo depois de ordenado, na Alemanha, em Osnabruck, no convento de religiosas franciscanas, e, a segunda, recém-chegado a Sobral, no Colégio Santana.

No Conselho de Educação

Vim a conhecê-lo pessoalmente em cenário dominado por preocupações educacionais. Cumprimos, no Conselho de Educacão do Ceará, mandatos com duração idêntica. Fui testemunha, assim, da amplitude e solidez do seu discernimento; era mestre, se chamado a opinar na área do 1° e 2° graus, por ele vivenciada intensamente, como professor, e no campo do ensino superior, como docente e com seu engajamento no esforço em prol da criação de uma universidade.

Pela própria natureza do Colegiado, o Conselheiro era levado ao exame de assuntos de enfadonha uniformidade, tentação ocasional conducente ao desaguadouro da rotina. Tal particularidade agravava-se em decorrência de equívocos da legislação do orgão, a absorver atribuições que não deviam sair da órbita da escola, que podia fazer o mais, principal e essencial, e não podia fazer o menos, secundário e acessório. O temor de esvaziamento do Conselho impedia, como ainda hoje, a racionalização lógica e imperativa.

O Cônego Sadoc não perdia oportunidade para escapar à monotonia que se gerava. *Mensagem*, revista do Conselho, condensa pareceres brilhantes de sua lavra e artigos doutrinários de irrecusável merecimento, como "Interiorização do ensino superior", "Os pródomos da educação no Norte da Capitania", "A fascinante educação dos superdotados", "O ensino da Língua Portuguesa", "O perfil funcional da Universidade" e "Valor do dinheiro em educação".

Não caberiam aqui aprofundamentos interpretativos, mas o enunciado de idéias, conceitos e posicionamentos ajuda na compreensão da figura do educador moderno e socialmente evoluído que é o Cônego Sadoc. Depois de assinalar que a Constituição apresenta a educação como um serviço, observa: "Na palavra "servir", escondem-se humildemente dois verbos auxiliares: ser e vir. Ser é autenticidade, vir é participação. Quem é, mas não vem, não pode

servir. Quem vem, mas não e, também não servirá. A autenticidade de quem não participa e impensável ou, pelo menos, não é serviço. Por sua vez, a participação sem autenticidade é falácia e engodo e, por isso desserve." José do Patrocínio, como referi, via semelhanças entre o Padre João Augusto da Frota e o Padre Antônio Vieira; coincidência: para mim, o Cônego Sadoc lembra o pregador português, no encadeamento das colocações filosóficas e no estilo como projeta o pensamento.

Ao ocupar-se da escola, não foge à crítica contundente. Não é, como o primeiro sacerdote que ingressou no Instituto, um novo Savonarola. Mas desnuda a face hipócrita da escola anacrônica, esclerosada. "Em certos estabelecimentos de ensino – afirma – o caso é tão grave, que há quem diga que nestes só se aproveitam as horas de recreio, quando os alunos aprendem a tornar-se sociáveis e comunicativos."

Para o Cônego Sadoc, a verdade não deve ser escamoteada. Daí, esta objurgatória: "Há educadores que querem assumir tudo e não descobrem as próprias potencialidades nativas do educando a ser desenvolvidas. Pensam mais em desenvolver os recursos financeiros, em detrimento dos recursos humanos dos alunos. Querem guiar sozinhos, e no carro mais caro do ano". E complementa: "Tenho conhecido pessoas que vivem exclusivamente em função do ter e ter mais. Aspiram a ser homens de bens (ter) e não homens de bem (ser). Há também escolas de muitos bens, ou lutando para isto e muito pouco bem. É contra esta distorção antipedagógica e desumana que temos o dever de reagir". E justifica a conclamação: "Tal situação propicia um comportamento injusto e discriminatório. Nós sabemos receber bem a quem possui bens, e sempre recebemos mal a quem procura ser homem de bem, mas pouco tem. A sociedade prestigia a quem tem, ainda que seja um pulha; e desvaloriza a um homem de bem, se não tiver dinheiro."

Corrigir distorções e alentar a esperança de mudança urgente, eis um desafio para que não se perca a perspectiva de um mundo novo. Para o Cônego Sadoc, a educação é a base de toda e qualquer reforma dos homens e o instrumento por excelência de transformacão social. Eis por que, com frequência, evoca exemplos e recapitula lições de seus biografados, entre eles, o grande Padre Ibiapina, grande e santo, uma vida de singularidades e benemerências que o apontam para a glória dos altares.

Bagagem literária

Membro da Academia Cearense de Letras, sócio do Instituto Genealógico Brasileiro, de São Paulo; do Colégio Brasileiro de Genealogia, do Rio de Janeiro; da Academia Sobralense de Estudos e Letras; do Instituto Cultural do Vale do Cariri, de Juazeiro do Norte; do Clube Portucale da Freguesia de Ramalda, cidade do Porto, Portugal, o Cônego Sadoc apresenta uma bagagem literária riquíssima quando alcança a categoria de sócio efetivo do Instituto do Ceará, ao qual já pertencia como sócio correspondente e colaborador da nossa centenária Revista.

Eusébio de Sousa, ocupando-se do Padre Dr. João Augusto da Frota, um dos doze fundadores do Instituto, e por mim citado mais de uma vez, acentua: "Retraído do bulício mundano, vivendo hoje unicamente para o seu santo ministério, teve na mocidade áureos dias de fecundo labor, sem contudo dar aos seus contemporâneos uma prova real, positiva, através do livro ou de outro qualquer gênero de publicação. Preferiu transformar o resultado de suas vigílias e estudos em ensinamentos aos moços de sua contemporaneidade."

Cada um com a sua sina. O Cônego Sadoc pontifica no magistério e, ao mesmo tempo, é de uma fecundidade extraordinária no trato das letras, com acentuada predileção pelos estudos biográficos, genealógicos e historiográficos da cidade das suas maiores afeições, Sobral, e de comunidades que evolveram na área de influência da metrópole do Norte, prestigiosa, tanto que em certa época se falava em sertão de Sobral, distinta e real, como a designou o Ouvidor Carneiro e Sá, fidalga e altiva, declina da denominação que lhe deu o Senador Alencar de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, em homenagem à irmã de Pedro II, para conservar o topônimo com que se já identificara e com o qual percorre com firmeza os caminhos do progresso.

O simples enunciado dos livros convence-nos da extensão da sua bibliografia: *Cronologia sobralense*, em cinco volumes; *História da cultura sobralense*; *Estudos ibiapabanos*; *História religiosa da Meruóca*; *Ceará: homens e livros*; *História Religiosa da Ibiapina*; *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses*; *História religiosa de Guaraciaba do Norte*; *Cordeiro de Andrade – jornalista perdido na ficção*; *Raízes portuguesas do vale do Acaraú*.

Quanto à qualidade, não se discute. O Cônego Sadoc é meticuloso, por isso mesmo, a informação ganha foros de precisão e autenticidade. Uma das chaves do seu sucesso é a disponibilidade com que abraça uma causa ou executa um projeto. Santo Agostinho dizia: "Contra a vontade, ninguém procede bem, ainda que a ação em si mesma seja boa."

Sobral tem história. O cronista sabe pinçar os fatos importantes e curiosos; projeta o lado bom e o negativo, em tela panorâmica que arma diante do leitor. A nota é simples e despretensiosa, pela própria natureza do episódio; ganha, às vezes, contorno de aprofundamento, e tinha de ser assim, quando trata das comissões científicas, uma brasileira, outra, norte-americana, e, a terceira, inglesa, que visitaram Sobral, em 1919, para observar o eclipse do sol, acontecimento que lhe deu notoriedade internacional. Sobral e a Ilha do Príncipe, na costa ocidental da África, eram os melhores pontos de onde se podia acompanhar o fenômeno. Então, ocorre metamorfose que não surpreende mas que contrasta: o curioso de miudezas do quotidiano e o escafandrista da genealogia se transforma em analista científico.

Para desvendar a origem das principais famílias que povoaram o vale do Acaraú, serviu-se de documentação primária, manuscrita e inédita. E, como o excelso patrono desta Casa, o Barão de Studart, não circunscreveu as suas pesquisas aos arquivos do Ceará; esteve em Pernambuco, foi às fontes de além-mar, em Portugal.

Não o animava a busca de brazões, mesmo porque, como salienta, "a ribeira do Acaraú foi povoada por humildes lavradores, vaqueiros e pescadores, oriundos, em sua grande maioria, de vilarejos rurais e póvoas marítimas do antigo Reino de Portugal. Se algum deles enobreceu ou enriqueceu foi aqui, pelo esforço diuturno de suas mãos calejadas no amanho da terra, no arranjo do gado ou na conquista no mar costeiro."

Tivemos também os nossos pioneiros, que vieram para cá com famílias ou aqui as constituíram, que se ligaram à terra e nela ficaram as bases de sustentação, resistentes à natureza madrasta e aos conluios da matreirice e do cangaço. O Cônego Sadoc secunda Luís da Câmara Cascudo na conceituação de que na história do Norte brasileiro é fundamental a história das famílias tronco.

No Concelho de Paços de Ferreira, em Portugal, na Casa do

Fontelo, uma placa de mármore assinala: "Aos sete dias de março do ano da graça de 1687, nasceu nesta casa Manuel Ferreira Fonteles que, desperto pela gloriosa vocação lusíada, foi pioneiro e povoador da cidade e região brasileira de Sobral-Ceará. Em sua memória colocou-se esta lápide com a presença do seu ilustre descendente, Reverendo Doutor, Francisco Sadoc de Araújo, atual Reitor da Universidade de Sobral. Fontelo, aos 14 de agosto de 1988."

Desbravador da crônica histórica, incansável e entusiasta pesquisador de tudo quanto diz respeito à sua terra, o ilustrado recipiendário de hoje aponta aos coevos e pósteros o fundador de Sobral e Adão do Vale do Acarau, pois é raro – são declarações suas – o sobralense branco que não descenda de Manuel Ferreira Fonteles. Arme-se a árvore genealógica; quem assim o fizer, verificará que a conclusão não será outra.

O que importa tudo isso? Não representará devaneio de infatigável pesquisador à procura de uma âncora no tempo? Nenhuma comunidade esclarecida se descuida de conhecer as suas origens. Porque nelas poderá encontrar alento para superar óbices; estímulo para realizar empresas dificultosas; melhor compreensão de costumes e tradições; oportunidades de afirmação ou motivo para correção de desvios.

O TEMPO E OS HOMENS

Na relação dos livros do Cônego Sadoc, há títulos que sugestionam e atraem, à primeira vista, como este: *Cordeiro de Andrade - jornalista perdido na ficção*. Logo se adivinha que vamos conviver na sua leitura com a imprensa e o romance. Será que se tenha igualmente a atenção desperta para *História religiosa da Ibiapina*? Não se veja na indagação menoscabo à temática. Mas a suposição é de que versa sobre a construção de capelas e igrejas, a criação da freguesia, os sacerdotes que nela atuaram. Sim, ocupa-se de tudo isso, e é válido. No entanto, logo nas primeiras páginas, deparamos com a história fascinante da Ibiapaba, como fascinante à a sua própria natureza, os primórdios do povoamento, a catequese dos jesuítas, o trucidamento do Padre Francisco Pinto, o sacrifício da índia Joana Nhanupatiba, que preferiu a morte a faltar com a fidelidade a seu esposo. A! caros ouvintes, não faltará a sensação

que acudiu ao Padre Antônio Tomás, o inspirado e glorioso poeta do Acaraú, ao penetrar na matriz de Viçosa, sensação que ele transmitiu neste terceto de soneto belíssimo:

Julga estar vendo, a percorrer-lhe a nave
A passos lentos, silenciosa e grave,
A sombra augusta do imortal Vieira.

Outra não é a presunção que se apossa do nosso espírito diante da *História Religiosa da Guaraciaba do Norte*. O livro, como o de Ibiapina, não foge à sua finalidade, mas o roteiro estabelecido pelo Autor comporta abrangência sociológica apropriada, de forma que se tem clara visão da realidade vivida pelo povo em fase atribulada por vicissitudes inimagináveis. Estamos no violento país dos Mourões, os governos mostram-se impotentes ante a brutalidade avassalante, o Presidente José Martiniano de Alencar escandaliza-se com o abecedário do crime, os templos católicos sofrem sucessivas profanações, os sacerdotes não escapam ao vilipêndio da selvageria reinante, de estarrecer as sevícias impostas a Frei Agostinho, que viera do Maranhão. No livro *O dedo de Deus*, o cronista Aderson Ferro, de quem se socorre o Cônego Sadoc, descreve a tormenta e relata como os seus agentes, um a um, foram castigados pela Justiça Divina com doença malígna ou morte trágica imediata, o que me trouxe à lembrança, por analogia, *As testemunhas da Paixão*, de Giovanni Papini. Este, gênio universal, fez obra de artista, chamando de lendas a fantasias inspiradas no Evangelho; Aderson Ferro, artesão das letras na província, compôs dramática narrativa e ofereceu testemunho de pessoas de respeitabilidade, que comprovaram a versão difundida.

Uma das predileções do Cônego Sadoc é o gênero biográfico, que cultiva com propriedade, isenção, abundância de informações e atavios de linguagem. Lê-se com interesse e agrado o que escreveu, entre outros, sobre o Visconde de Sabóia, Farias Brito, Capistrano de Abreu, Domingos Olímpio, General Tibúrcio, Padre Mororó, Dom Jerônimo Tomé da Silva, Dom José Lourenço da Costa Aguiar, Vicente Loiola e Maria Tomásia.

Traços bibliográficos de Dom José Tupinambá da Frota encerra preciosíssimo depoimento sobre o primeiro Bispo de Sobral e o maior benfeitor da cidade. Vale pelos dados genealógicos, pelas revelações sobre o desabrochar e desenvolvimento da vocação sa-

cerdotal, pela síntese das realizações inumeráveis, pelo retrato do Pastor de posição hierática e do servo de Deus de convivência simples e de íntima e profunda piedade.

O Cônego Sadoc devota grande respeito e estima a Dom José mas não se furta a esta confissão: "Amante das tradições, era infenso a mudanças e tardo em aceitar inovações. Defendeu denodamente a veste talar dos sacerdotes, o feitio clerical do apostolado, o latim na liturgia e o canto gregoriano. Até o fim da vida, procurou conservar a posição de Bispo como Príncipe da Igreja. Dom José foi um dos últimos abencerrages da mentalidade católica pré-conciliar."

Alimento antiga concepção, que esposei no exercício do jornalismo, segundo a qual tudo ou quase tudo se pode dizer, dependendo do modo como se diga. O texto acima citado é de eloquência insofismável nesse tocante.

Tive o privilégio de manter demorado contato com Dom José, ao visitar o magnífico acervo que reunira para o museu de Sobral. Ficou-me a impressão de um prelado de extrema naturalidade e agradável convívio. À tardinha, na Matriz, uma mostra do exagero com que exigia vestes respeitosas nas cerimônias religiosas. Nessa época, rara era a mulher que não conduzia a manga da blusa ou vestido, para completar o traje enquanto estivesse no interior do templo.

Entre os perfilados pelo Cônego Sadoc, ganha realce o Padre Dr. Antônio de Maria Ibiapina, o Padre Ibiapina de poderosa influência mística e espiritual, o evangelizador do Nordeste, o educador que abriu clareiras e apontou rumos, o criador das famosas Casas de Caridade.

> *"O Estatuto que redigiu para regulamentar a vida interna destes ninhos de amor e de educação revela a clarividência do pedagogo que acredita mais no perdão do que na sanção, no incentivo do que na opressão. Nestas casas, fato raro na época, não havia palmatória, nem prisão, nem escravos, nem castigos físicos. Muito menos, ociosidade ou ensino meramente teórico. Eram educandários do trabalho, onde as moças, geralmente órfãs, aprendiam a costurar, a cozer, a serzir, a bordar, a cuidar de doentes e a louvar a Deus na oração, invenção original nesse tempo, de atingir a educação integral pelo aperfeiçoamento simultâneo da inteligência, das mãos e do coração."*

Não imaginava o abalizado panegirista a missão que no futuro lhe seria confiada. Deflagrado o processo de canonização do Padre Ibiapina, viu-se investido da função de postulador da causa junto à Santa Sé. Sem vacilações, lançou-se em campo. E, como frutos dessa tarefa, mais dois livros enriquecem a sua opulenta libliografia: *Manuscritos do Padre Ibiapina*, concluído, e *Peregrino da caridade*, em fase final.

Cônego Sadoc:

Não sei se traduzi na medida o pensamento da Casa a que se incorpora o eminente e caro amigo. Com certeza, houve empenho da minha parte e me senti bem ao exalçar-lhe os méritos incontáveis.

A sua contribuição ao Instituto do Ceará é, sem dúvida, relevante. Valioso, o seu patrimônio cultural e, Deus servido, não lhe faltará ânimo para ampliá-lo e ilustrá-lo ainda mais.

Seu pai, Galdino de Araújo, de saudosa memória , foi músico e lhe ensinou a tocar violão e a compor. É o que está no auto-retrato. Não haveria de ser um homem trancado, introspectivo. O sacerdócio não o fechou para o mundo real, deixou-o aberto, comunicativo, espirituoso. A sabedoria está no Eclesiástico: "A alegria do coração é a vida do homem, a alegria do homem aumenta os seus dias." Em sua personalidade, confirma-se a sentença de Joaquim Nabuco: "A religião não é obstáculo a alegria alguma, a liberdade alguma. São os sistemas negativos, que, quando lançam semente no espírito, o vão abafando lentamente à maneira das lianas parasitas, que, de galho em galho, enlaçam a árvore e a dessecam. Mas a fé é pássaro que poisa no alto da folhagem, e canta nas horas em que Deus escuta".

O Instituto do Ceará, jubiloso, saúda-o fraternalmente, Cônego Sadoc de Araújo. (Oração proferida na sessão solene de 17 de julho de 1993).

Referências Bibliográficas

Agostinho, Santo. *Confissões*. Porto: Livraria Apostolado, 1952. 436 p.

Araújo, Francisco Sadoc de. *Ceará: homens e livros*. Fortaleza:

Gráfica Editorial Cearense, 1981. 160 p.

_____. *A ciência criadora*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1975. 134 p.

_____. *Cronologia sobralense*. Sobral: Imprensa Universitária/UVA, 1990, 5v.

_____. *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985. 188 p.

_____. *Discursos*. Sobral: Fundação Universidade Vale do Acaraú, 1968. 7f.

_____. *Estudos Ibiapabanos*. Sobral: Imprensa Universitária/UVA, 1979. 97 p.

_____. *História da cultura sobralense*. Sobral: Imprensa Universitaria/UVA, 1978 203 p.

_____. *História religiosa da Meruoca*. Sobral: Imprensa Universitária/UVA, 1979.

_____. *História religiosa da Ibiapina*. Fortaleza: IOCE, 1993. 112 p.

_____. *História religiosa de Guaraciaba do Norte*. Fortaleza: IOCE, 1988. 118p.

_____. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Sobral: Gráfica Editorial Cearenses, 1991. 211 p.

_____. *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*. Sobral: Academia Cearense de Letras, 1982. 30f.

_____. Valor do dinheiro em educação. *Mensagem Revista do Conselho de Educação do Ceará*. Fortaleza, nº12 p.31–42, 1989.

AZEVEDO, Rubens de, Padre João Augusto da Frota. *Os Fundadores do Instituto*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1990. p. 11–12.

A BÍBLIA de Jerusalém. N. T. *Eclesiástico*. São Paulo: Paulinas, 1980. p.930.

Ecos do Big Bang: um satélite mergulha na passado, desvenda o mistério do nascimento das galáxias e sustenta a teoria da explosão que criou o universo. *Veja*.São Paulo, Ano 25, nº 18, abr., 1992.

FROTA, Dr. João Augusto da. Os mortos do Instituto em 1942. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, t. 56 p. 237–8, 1942.

NABUCO, Joaquim. *Pensamentos soltos*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949. 470 p.

RAMOS, Dinorá Tomás. *Padre Antônio Tomas príncipe dos poetas cearenses*. – 3ª ed. Fortaleza: Ed. A Fortaleza: 1981, 175 p.

SOUSA, Eusébio de. *Meio século de existência*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1937.

WRIGTH, Roberto. O Universo é um computador? *Diálogo*. Rio de Janeiro: Lidador, v. 22, p. 41–51, 1989.